

Toda verdade tem um preço.

# NUNCA MINTA

AUTORA DE *A EMPREGADA*

FREIDA  
MCFADDEN



Toda verdade tem um preço.

# NUNCA MINTA

AUTORA DE *A EMPREGADA*

FREIDA  
MCFADDEN



**OBRAS DA AUTORA PUBLICADAS PELA EDITORA RECORD**

*A contadora*  
*A professora*  
*Nunca minta*

**FREIDA  
McFADDEN**

**NUNCA  
MINTA**

*Tradução de*  
Irinéo Baptista Netto

1ª edição



**EDITORA RECORD**  
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2024

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M126n

McFadden, Freida

Nunca minta [recurso eletrônico] / Freida McFadden; tradução Irineo Baptista Netto. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Record, 2025.  
recurso digital

Tradução de: Never lie

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-85-01-92340-0 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Netto, Irineo Baptista. II. Título.

24-95167

CDD: 813

CDU: 82-3(73)



Meri Gleice Rodrigues de Souza – Bibliotecária – CRB-7/6439

Título original:

Never Lie

Copyright © 2024 by Freida McFadden

Texto revisado segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais da autora foram assegurados.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000, que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-92340-0

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se no site [www.record.com.br](http://www.record.com.br) e receba informações sobre nossos



lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:  
[sac@record.com.br](mailto:sac@record.com.br)

*À minha família*

# SUMÁRIO

Prólogo

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 37

Capítulo 38

Capítulo 39

Capítulo 40

Capítulo 41

Capítulo 42

Capítulo 43

Capítulo 44

Capítulo 45

Capítulo 46

Capítulo 47

Capítulo 48

Capítulo 49

Capítulo 50

Capítulo 51

Capítulo 52

Capítulo 53

Capítulo 54

Epílogo

Agradecimientos

# PRÓLOGO

## ADRIENNE

Todo mundo mente.

Há alguns anos, pesquisadores fizeram um experimento na área de psicologia para avaliar a predominância do comportamento desonesto. Eles usaram uma máquina de venda automática que não funcionava direito.

As cobaias foram informadas de que a máquina estava com problema. Se inserissem o dinheiro, a máquina liberaria o chocolate mas também devolveria o dinheiro. As cobaias que usaram a máquina descobriram que isso era verdade mesmo. Elas compraram um, dois, três e até quatro chocolates sem pagar nada, porque a máquina sempre devolvia o dinheiro.

Tinha um aviso na máquina que dizia “Em caso de defeito, favor entrar em contato”, seguido de um número de telefone. O que as cobaias não sabiam era que o número fornecido pertencia a um dos pesquisadores responsáveis pelo estudo.

Sabe quantas cobaias entraram em contato para avisar que a máquina estava com defeito?

Zero.

É isso mesmo. Entre dezenas de cobaias, não houve uma honesta o suficiente para usar o telefone e avisar que a máquina estava com defeito. Todas pegaram o chocolate grátis e foram embora.

Como eu disse, todo mundo mente.

Há muitos sinais fáceis de identificar quando uma pessoa está mentindo, ainda mais se ela não for boa nisso. Como psiquiatra, conheço bem esses sinais. Pode ser até fácil demais identificá-los:

Mentirosos ficam agitados.

Eles mudam o tom de voz ou a maneira de se expressar.

Mentirosos tagarelam demais, exagerando nos detalhes para convencer a si mesmos ou aos outros daquilo que estão falando.

Há máquinas criadas para reconhecer esses padrões e identificá-los. Porém, mesmo o melhor detector de mentiras ainda tem uma margem de erro de vinte e cinco por cento. Eu acerto muito mais que isso.

Se você ouvir as fitas em que gravo as minhas consultas, nem sempre dá para perceber. Nas fitas de áudio, faltam os importantes indicativos visuais. Como quando a pessoa evita contato visual, ou cobre a boca ou os olhos com as mãos. Mas, se você for um paciente meu e estiver no consultório conversando comigo, posso observar as suas expressões e os seus gestos e ouvir o seu tom de voz.

Vou saber se estiver falando a verdade. Sempre.

Nunca minta para mim.

# CAPÍTULO 1

## DIAS ATUAIS

### TRICIA

Meu marido não quer admitir que a gente está completamente perdido.

Como se trata de Ethan, não posso nem dizer que é um comportamento atípico. A gente se casou seis meses atrás — ainda somos recém-casados —, e, em noventa por cento do tempo, ele é o marido perfeito. Conhece os restaurantes mais românticos da cidade, ainda me surpreende com flores e, quando pergunta do meu dia, presta atenção na minha resposta e faz perguntas pertinentes.

Mas, nos outros dez por cento do tempo, ele é bastante teimoso.

— Você passou do acesso à Cedar Lane — aviso. — Passou faz mais de um quilômetro.

— *Não*. — Tem uma veia tão saltada no pescoço de Ethan que chega a dar medo. — É mais à frente. A gente ainda não passou.

Não escondo a frustração enquanto confiro a rota até a casa em Westchester, impressa por Judy, nossa corretora de imóveis. Pois é, nós temos um GPS, mas faz dez minutos que estamos sem sinal. Agora temos que recorrer a esse material impresso. Estamos de volta à Idade da Pedra.

Ethan queria viver num lugar mais afastado. E o desejo dele está sendo realizado.

O pior é que está *nevando*. Começou há algumas horas, quando estávamos saindo de Manhattan. No início, os flocos de neve que evaporavam em contato com o chão eram pequenos e bonitinhos. Na última hora, eles quadruplicaram de tamanho. E deixaram de ser bonitinhos.

Agora entramos numa estradinha deserta e estreita que está escorregadia por causa da neve. E não é como se Ethan estivesse dirigindo uma caminhonete. O BMW dele tem bancos de couro belíssimos, mas só tem tração nas rodas dianteiras e ele não dirige muito bem na neve. No caso de uma derrapagem, ele não deve saber para que lado virar o volante: no sentido em que o carro derrapa ou no sentido oposto? (É no mesmo, não?)

Neste exato instante, o BMW derrapa num trecho lamacento da estrada. Ethan agarra o volante com tanta força que os dedos dele ficam brancos. Consegue controlar o carro, mas sinto o meu coração acelerar. A neve está ficando cada vez pior. Ele para o BMW no acostamento e estende a mão.

— Deixa eu dar uma olhada nessas rotas.

Obediente, entrego a folha um pouco amassada. Queria que ele tivesse me deixado dirigir. Ethan jamais admitiria que meu senso de direção é melhor que o dele.

— Ethan, acho que a gente passou do acesso.

Ele olha para o papel com a descrição das rotas. Depois olha pelo para-brisa. Mesmo com os limpadores no máximo e o farol alto aceso, a visibilidade é péssima. Agora que o sol se pôs, só dá para enxergar uns três metros à frente. Para além disso, é tudo branco.

— Não. Eu sei o caminho.

— Tem certeza?

Em vez de responder à minha pergunta, ele resmunga:

— Você deveria ter visto a previsão do tempo antes da viagem.

— E se a gente voltasse para casa agora? — Pressiono as mãos entre os joelhos. — Podemos conhecer a casa outro dia. — De preferência, sem uma nevasca absurda como essa que está caindo.

Meu marido leva um susto e me olha como se eu tivesse ficado louca.

— Tricia, faz quase *duas horas* que a gente está na estrada. Faltam só uns dez minutos para chegar e você quer *voltar para casa*?

Essa foi outra coisa que aprendi a respeito de Ethan nos seis meses em que estamos casados. Quando ele enfia uma ideia na cabeça, vai até o fim com ela. Acho que eu poderia encarar isso como uma coisa

boa. Não gostaria de viver com um homem que larga um monte de projeto inacabado pela casa.

Ainda estou aprendendo como Ethan funciona. Todas as minhas amigas pegaram no meu pé porque a gente se casou muito rápido. Nós nos conhecemos numa cafeteria. Tropecei e derrubei o café perto da mesa em que ele estava e Ethan insistiu em comprar outro para mim.

Foi um desses amores à primeira vista. Quando olhei para Ethan, fiquei encantada com o cabelo loiro de mechas platinadas dele. Os olhos azuis e os cílios claros lembram a cor do céu num dia sem nuvens. E os traços fortes do nariz aquilino impediam que fosse bonito demais. Quando ele sorriu para mim, já era. Passamos seis horas conversando e tomando café e, naquele mesmo dia, ele me levou para jantar. Naquela noite, terminei um namoro de mais de um ano e me desculpei dizendo que havia conhecido o homem com quem iria me casar.

Nove meses depois, eu e o meu Romeu da cafeteria estávamos casados. Mais seis meses se passaram e agora estamos de mudança para um bairro residencial afastado. No nosso relacionamento, tudo aconteceu rápido.

Até aqui, não me arrependo de nada. Quanto mais conheço Ethan, mais me apaixono por ele. E ele sente o mesmo por mim. É incrível poder compartilhar a vida com Ethan.

Com exceção do segredo enorme que ele ainda não sabe.

— Tudo bem — digo. — Vamos procurar a casa.

Ethan me devolve a folha com as rotas e retoma a estrada com o BMW.

— Sei exatamente qual é o caminho. É um pouco mais à frente.

É o que vamos ver.

Dessa vez, ele dirige mais devagar por causa da neve e para não perder o acesso, pelo qual tenho certeza de que já passamos há mais ou menos um quilômetro. Também presto atenção na estrada, apesar da dificuldade de enxergar com tanta neve. Tento pensar em lugares quentes e secos.

— Ali! — grita Ethan. — Achei!

Eu me inclino para a frente, esticando o cinto de segurança. Ele *encontrou*? Encontrou *o quê*, exatamente? Será que está usando óculos

de visão noturna e não percebi? Porque só estou enxergando neve e, depois disso, mais neve e, depois *disso*, escuridão. Mas ele reduz a velocidade do carro e, de fato, há uma estradinha que avança entre as árvores, e as luzes do carro iluminam uma placa coberta de neve. Mal consigo ler o que está escrito enquanto ele faz a curva um pouco mais rápido do que deveria.

*Cedar Lane.*

Quem diria, Ethan estava certo o tempo inteiro. Achei que tínhamos perdido o acesso para a Cedar Lane, mas não. Ela estava bem aqui. Agora que entramos nessa estradinha minúscula para chegar até a casa, estou preocupada que o BMW não agüente. Quando olho para o meu marido, noto a mesma preocupação no rosto dele. O caminho até a casa não é asfaltado e, para piorar, está coberto por uma camada grossa de neve.

— Vamos pedir a Judy que mostre a casa bem rápido — digo. — Assim dá tempo de a gente voltar.

Ethan faz que sim com a cabeça.

— Preciso dizer uma coisa. Eu queria um lugar mais afastado, mas isso aqui é loucura. Porque a gente está no meio...

Ele não termina a frase. Acho que ia dizer que a gente está no meio do nada. Mas, antes que pudesse falar essas palavras, Ethan fica boquiaberto. Porque, enfim, a casa surge diante de nós.

E ela é inacreditável.

O anúncio na página de Judy dizia que a construção era um sobrado com sótão, mas essa descrição não fazia jus ao tamanho do imóvel. O pé-direito deve ser muito alto, porque a empena íngreme parece tocar o céu carregado de neve. Janelas de arco ogival se alinham nas laterais da casa e dão a ela um aspecto mais de catedral que de um lugar para morar. Ethan continua de queixo caído.

— Meu Deus — diz ele. — Como deve ser *morar* num lugar desses?

Sei que eu e meu marido estamos juntos há pouco mais de um ano, mas já sou capaz de reconhecer a expressão no rosto dele. Não é uma pergunta retórica. Ele *quer* morar nessa casa. Nós fizemos a coitada da Judy andar por tudo em Westchester e Long Island porque

nenhum lugar chegou perto daquilo que Ethan tinha em mente. Mas agora...

— Você gostou? — pergunto.

— Você não achou incrível? Dá só uma olhada nessa casa.

Abro a boca para concordar com ele. Sem dúvida, a casa é bonita. É afastada, elegante e enorme, tudo que estávamos procurando numa casa. É um lugar perfeito para criar os filhos, que é um dos nossos objetivos. Quero dizer para Ethan que adorei a casa tanto quanto ele. E que devemos fazer uma oferta assim que Judy chegar.

Mas não consigo.

Porque, diante dessa propriedade enorme, sinto um tremendo mal-estar. Fico tão enjoada que cubro a boca e respiro fundo para o almoço não voltar no tapete caro do BMW. Nunca senti nada parecido com isso antes. Pelo menos não nas dezenas de casas que visitamos nos últimos dois meses. Nunca senti algo tão forte assim.

*Algo terrível aconteceu nessa casa.*

— Mas que porcaria — diz Ethan.

Tento respirar fundo mais uma vez para me livrar das ondas de náusea. É quando percebo que estamos parados. As rodas da frente continuam girando, mas não adianta nada. O carro não sai do lugar.

— A estrada está muito escorregadia — comenta ele. — Os pneus não têm tração nenhuma.

Abraço o próprio corpo e sinto um calafrio mesmo com o aquecedor no máximo.

— E agora?

— Bom... — Ele estica o braço para passar a mão no para-brisa embaçado. — A gente está bem perto da casa. Dá para ir andando.

É fácil para ele dizer isso, que não está usando botas Manolo Blahnik.

— E parece que Judy já chegou — acrescenta ele.

— Sério? Mas não estou vendo o carro dela.

— Pois é, mas as luzes da casa estão acesas. Ela deve ter guardado o carro na garagem.

Faço um esforço para enxergar a casa através do para-brisa. Agora, prestando atenção, vejo uma luz acesa no andar de cima. Que estranho. Se um corretor de imóveis fosse mostrar uma casa, ele não

teria que acender também as luzes do *andar de baixo*? Mas todas as luzes do primeiro andar estão apagadas. A única luz acesa é essa no andar de cima.

Mais uma vez, sinto um calafrio.

— Vamos — chama Ethan. — É melhor a gente entrar na casa. Não podemos passar a noite no carro. Vamos ficar sem gasolina e morrer congelados.

Um pensamento nada agradável. Estou começando a me arrepender. O que eu tinha na cabeça quando aceitei fazer essa viagem? Mas Ethan adorou a casa. Talvez dê tudo certo.

— Tudo bem — digo. — Vamos lá.

## CAPÍTULO 2

Ai, meu Deus. Está frio demais.

Assim que abro a porta do BMW, me arrependo profundamente de ter concordado em ir andando até a casa. Estou com meu casaco de lã da Ralph Lauren que vai até a altura do joelho, mas parece que estou usando uma folha de papel, porque o vento atravessa a roupa e não adianta usar o capuz.

Mas a situação dos pés é pior. Estou de botas de couro, mas elas não são botas *para a neve*, se é que você me entende. Elas me deixam sete centímetros mais alta, o que me agrada bastante, e ficam lindas com a minha calça jeans skinny, mas são inúteis para me proteger dos trinta centímetros de neve que cercam meus pés.

Por que fui inventar de comprar um par de botas estilosas que, na prática, não funcionam como botas de verdade? Estou começando a me arrepender de todas as escolhas que fiz na vida. Como diz a minha mãe, um bom par de sapatos é aquele com o qual você consegue andar pelo menos um quilômetro.

— Tudo bem, Tricia? — pergunta Ethan. — Está com frio?

Ele franze a testa, chocado de ver como estou tremendo, batendo os dentes e com os lábios roxos. Ethan está com o casaco preto de esqui que comprou no mês passado e, apesar de eu não conseguir ver os pés dele, aposto que as botas que *ele* está usando são quentes e confortáveis. Sinto vontade de torcer o pescoço dele por me obrigar a andar na neve, mas para isso teria que tirar as mãos dos bolsos e acabaria sofrendo queimaduras de frio, porque, ao contrário dele, não tenho luvas. Preciso admitir: o homem veio mais preparado que eu.

— Estou com um pouco de frio — respondo. — Minhas botas não são para neve.

Ethan olha para os próprios pés e depois volta a me encarar. Após um instante considerando a situação, ele dá a volta no carro e se

agacha do meu lado.

— Tá bom, sobe nas minhas costas.

Esqueça tudo o que eu disse. Eu amo o meu marido. De verdade.

Ele me carrega nas costas, passando pela placa de À VENDIDA fixada no jardim coberto de neve, até a porta da casa. O alpendre estava muito bem protegido da neve, e é nele que Ethan cuidadosamente me coloca no chão. Ele passa os dedos pelo cabelo loiro e úmido para tirar o excesso de neve e pisca as gotículas de água que se acumularam nos cílios.

— Obrigada. — Dou um sorriso, transbordando de afeto pelo meu marido bonito e forte. — Você é o meu herói.

— Foi um prazer. — Então ele faz uma reverência. Eu me derreto todinha. Estou adorando essa fase lua de mel do nosso casamento.

Ethan tira as luvas de lã e aperta o botão ao lado da porta com o polegar. Ouvimos a campainha tocar dentro da casa e, mesmo depois de esperar por bastante tempo, ninguém aparece para nos receber.

Outra coisa engraçada é que o primeiro andar da casa está todo escuro. Nós dois vimos aquela luz acesa no andar de cima e achamos que havia alguém em casa. Presumimos que seria Judy. Mas, se Judy estivesse aqui, ela estaria no andar de baixo, certo? Ela não estaria num quarto do andar de cima. O silêncio no primeiro andar é absoluto.

— Talvez os donos estejam em casa — sugere Ethan, esticando o pescoço para avaliar aquela construção imponente.

— Talvez...

Mas há outra coisa estranha nisso tudo. Não tem nenhum carro na propriedade. Quer dizer, nenhum carro à vista. É claro que, numa tempestade de neve, o carro do dono da casa provavelmente estaria na garagem. Mas não acho que Judy usaria a garagem, e o fato de não haver nenhum carro à vista deve ser sinal de que ela ainda não chegou.

Enquanto Ethan toca a campainha mais uma vez, pego o celular na bolsa.

— Nenhuma mensagem de Judy — informo. — Mas faz uns vinte minutos que estou sem sinal de celular. Pode ser que ela esteja tentando falar com a gente.

Ele tira o telefone do bolso e franze a testa ao olhar para a tela.

— Também estou sem sinal.

Continuamos ouvindo apenas silêncio vindo da casa. Ethan vai até a janela que fica ao lado da porta e coloca as mãos ao redor dos olhos para tentar enxergar alguma coisa. Ele balança a cabeça.

— Definitivamente, não tem ninguém aqui embaixo. Acho que não tem ninguém em casa. — Ele dá de ombros. — Pode ser que Judy tenha deixado a luz de cima acesa na última vez que veio aqui.

Judy não faria uma coisa dessas. Judy Teitelbaum é uma profissional exemplar. Ela já era corretora de imóveis antes de eu nascer e toda casa que mostrou para nós estava em perfeito estado. Ela mesma deve limpá-las. Tenho medo até de encostar em qualquer coisa quando estou visitando uma casa com ela. Se eu largasse uma bebida em cima de um móvel sem porta-copo, acho que ela teria um infarto. Em outras palavras, acho que ela não esqueceria uma luz acesa na casa. Mas estou com dificuldade de pensar em outra explicação.

Ethan levanta a gola do casaco e eu abraço meu próprio corpo para tentar me aquecer.

— Não sei o que fazer. Parece que Judy ainda não chegou.

Dou um suspiro de frustração.

— Que ótimo. E o que a gente faz agora?

— Espera aí. — Ele olha para o capacho no chão, que tem um “Bem-vindo” escrito com uma caligrafia rebuscada, parcialmente encoberta pela neve. — Talvez tenha uma chave sobressalente por aqui.

Não achamos nenhuma debaixo do capacho de boas-vindas — isso seria óbvio demais —, mas, depois de procurar um pouco, encontramos uma chave escondida debaixo do vaso de planta perto da porta. Seguro a chave gelada e meio molhada na palma da mão.

— Então... — ergo as sobrancelhas para Ethan — ... vamos entrar na casa sem Judy? A gente pode fazer isso?

— A gente não tem escolha. Sei lá quanto tempo ela vai demorar para chegar e está muito frio. — Ele me abraça com carinho. — Não quero que você fique doente.

Ele tem razão. Sem sinal de celular e com o carro cada vez mais coberto de neve, a gente precisa de abrigo. Pelo menos dentro da casa estaremos em segurança.

Enfio a chave na fechadura e, ao virá-la, ouço o trinco se abrir. Sinto a maçaneta congelada na palma da mão. Tento girá-la, mas a porta não se mexe. Que droga. Olho para a chave, que continua na fechadura.

— Será que é uma daquelas maçanetas que travam por fora?

— Deixa eu tentar.

Dou um passo para trás e deixo Ethan tentar. Ele experimenta a chave e a maçaneta ao mesmo tempo. Nada. Ele se afasta um pouco, segura firme a maçaneta e joga todo o peso do corpo na pesada porta de madeira. Com um estrondo, ele consegue abrir a porta.

— Você conseguiu! — Meu herói. Eu me derreto todinha.

Está tão escuro que não dá para enxergar nada dentro da casa. Ethan aperta um interruptor na parede e sinto um frio na barriga quando nada acontece. Mas logo em seguida as luzes no teto piscam por um instante antes de acender. A energia elétrica está ligada, graças a Deus. Não está muito claro — várias lâmpadas devem ter queimado —, mas é suficiente para iluminar a ampla sala de estar.

E fico abismada.

Para começo de conversa, a sala de estar é enorme e parece ainda maior por causa dos ambientes integrados. Depois de vários anos morando num apartamento em Manhattan, quase toda casa parece enorme para a gente. Mas essa é tão grande quanto um *museu*. Tão grande quanto um *aeroporto*. E ela já seria grande por causa da metragem, mas parece ainda maior por causa do pé-direito alto.

— Meu Deus — diz Ethan, suspirando. — Esse lugar é incrível. Parece uma catedral.

— É mesmo.

— E o valor que estão pedindo é *muito* baixo. Essa casa deve valer quatro vezes mais.

Mesmo acenando com a cabeça, mostrando que concordo com o que ele diz, sinto mais uma onda de mal-estar. *Algo terrível aconteceu nessa casa.*

— Talvez a casa tenha mofo — sugere ele, pensativo. — Ou talvez a fundação não preste. A gente deveria pedir para alguém de confiança inspecionar a casa antes de assinar qualquer coisa.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Nunca minta"  
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).